Marginalização do artista a questão em questão

por Salomão António

O actual estado dos nossos artistas leva-nos bastas vezes a interrogarmo-nos pela forma como ele é posto e encarado nesta sociedade. Vezes sem conta verificamos, não sem desagrado, que existe uma pronunciada tendência de se dar pouco valor aos nossos artistas que em tão parcas condições trabalham com o fim único de desenvolver a nossa cultura e, por consequência, a nossa sociedade. Neste ritmo de pensamento, podemos verificar que, de facto, não há nenhum interesse em valorizar o nosso património cultural.

Há bem pouco tempo atrás, na sede da Associação dos Escritores Moçambicanos, esteve patente uma exposição de desenho, realizada por um membro efectivo daquela mesma Associação. Nesta exposição pudemos verificar a presença de alguns dirigentes, o que louvamos, obviamente.

Curiosamente, o expoente, Idasse Tembe, sendo membro efectivo daquela instituição, não discurou a necessidade de, previamente, mandar convites a todos os membros, sobretudo aos membros dirigentes e às entidades culturais do nosso País. No entanto, no acto inaugural da exposição nenhum membro dirigente da Associação dos Escritores Moçambicanos esteve presente, pura e simplesmente, embora tivessem recebido convites com antecedência. Aliás, apesar de ser membro efectivo, Tembe só podia ali expor com a prévia autorização dos indivíduos que dirigem aquela associação.

Estas atitudes, quanto a nós não abonam muito a seu favor mas enfim...

Bem, os responsáveis das áreas culturais receberam os convites e deixaram-nos repousados gavetas dentro. Tudo esquecido. E certamente que não seria o grupo de apoio do Núcleo de Arte a maçar-se com «coisas terrenas» e... deixou-se estar descansadinho e porreirinho da vida, com menos trabalho.

Estes faltosos todos, impensavelmente, sempre que se trata de uma exposição feita por pessoas de fora, lá estão todos às correrias para fazer este e aquele comentário e por vezes as evocações de algumas ancestralidades comuns entre moçambicanos e esses artistas. Como exemplo, não deixaríamos de citar a exposição de Litografia feita pelos franceses; à qual cotoveladamente todos para lá se lançaram, fazendo até questão do cumprimento dos horários coisa bastante rara neste País.

Assim, é lícito afirmar que estamos em presença de um caso de marginalização dos nossos artistas e, isto tem talvez algumas possíveis atenuantes, mas quando se trata de se relegar para segundo plano ou para se atirar ao caixote de esquecimento a nossa cultura, não vemos, sinceramente, que estrada percorremos depois de termos percorrido um determinado percurso, uma determinada estrada que um dia foi ligar, foi chegar à nossa independência nacional. A criação de instituições que servem e não servem a nossa cultura, do reflexo da realidade, e preocuparmo-nos tão somente, e de forma bizarra e incoerente com aquilo que está total e completamente divorciado da nossa realidade, que aliás, nunca a ela esteve ligado.

Um outro aspecto que achamos digno da nossa atenção é o que se refere aos músicos, que vezes bastas são obrigados a fazer actuações com condições técnicas bastante baixas, prejudicando desse modo o seu trabalho e a sua realização artística. Todavia, já não verificável tal situação quando aparecem músicos estrangeiros, onde tudo funciona brilhantemente.

Os nossos músicos não têm locais de ensaios, mas lá estão os estúdios da EME a servirem de escritórios, quando, quanto a nós, deviam ser um local onde sempre se ouvisse música, pois nos parece que para tal foram concebidos.

Posto isto, achamos função urgente reflectir-se sobre o que se deve fazer, sobretudo no funcionamento das instituições legalmente edificadas e funcionalizar tudo de forma funcional, esquecendo-se das palmadinhas meigas que depois se dão aos artistas nas recepções e encontros casuais como forma de se desculparem desta e daquela história insonsa que por vezes nem serve para fazer dieta